



# *Marcas linguísticas frequentes na sala de aula*

## **Marcas linguísticas frequentes en el aula**

Wanessa Rodovalho Melo Oliveira<sup>1</sup>

Antonio Carlos Santana de Souza<sup>2</sup>

**Resumo:** Este resumo apresenta fatores da sociolinguística que mostram as diversificações em uma comunidade de falantes usando como exemplo uma sala de aula comum onde é possível observar a variedade linguística, em seus aspectos da oralidade regional e dialetal. Os objetivos são fragmentar os acontecimentos cotidianos na sala de aula ao que se referem as variantes dos falantes envolvidos e exaltar o pluralismo linguístico em suas diversas perspectivas. Os escritos de Bortoni-Ricardo fazem uma análise desse estudo proposto em sala de aula e pontua, favoravelmente, suas considerações sobre as variedades linguísticas que discorrem este estudo. No espaço físico da sala de aula a variedade da língua falada em que cada aluno e professor exerce dentro da sua própria comunidade social e familiar que este tem sobre as referências que caracterizam e distinguem pelas marcas linguísticas, sendo uma entre outras, segundo Calvet 2002, a identidade social do falante. Alunos tendem a admirar como modelo de linguagem o professor que parece ter mais prestígio e que apresenta a norma padrão mais elevada, por assim parecer que este fala da maneira correta. Por isso, Bortoni-Ricardo (2004) conclui que os professores exercem um papel social rigoroso, mas ao mesmo tempo de afetividade com o aluno. Outra diversidade encontrada em contato com pessoas de regiões distintas que acaba influenciando e às vezes, criando uma nova maneira de se falar ou acrescentando outras palavras ao vocabulário desse aluno. Pois não existe uma língua homogênea e até mesmo a mídia pode influenciar na fala e na motivação de estar atento ao modismo atual. Com o passar dos anos o fator histórico também registra que o aspecto econômico é um sinal linguístico, pois famílias que tiveram mais acesso ao estudo, tendem a falar de maneira diferenciada de uma família tradicional da zona rural, assim, na escola, crianças dessas famílias observam que de maneira espontânea, refletem o que aprenderam em casa. Pode -se trazer dúvidas para ambos quanto a maneira correta de pronunciar ou de apresentar algumas palavras, nisso Calvet (2002) registra que as pessoas podem ser julgadas pela maneira de falar. Outra marca é a idade apresentada pelos falantes. É comum na sala de aula ter grupos de alunos que buscam uma maneira peculiar em se comunicar, criam gírias, gestos e expressões para fazerem parte e se firmar como integrante. Espera-se que este resumo venha mostrar o quanto é rico o que cada indivíduo contribui em seu cotidiano no modo de falar, não é uma questão de ser mais importante, mais prestigioso, é uma questão de identidade, de formação a tudo o que se viveu e as influências das pessoas que conheceram, lugares que passaram e momentos que foram compartilhados.

**Palavras-chave:** linguagem; diversidade; marcas linguísticas.

**Resumen:** Este resumen presenta factores sociolingüísticos que muestran la diversificación en una comunidad de habla utilizando como ejemplo un aula común donde se puede observar la variedad lingüística en sus aspectos de oralidad regional y dialectal. Los objetivos son fragmentar los eventos cotidianos en el aula a los que se refieren las variantes de los hablantes involucrados y exaltar el pluralismo lingüístico en sus diversas perspectivas. Los escritos de Bortoni-Ricardo hacen un análisis de este estudio propuesto en el aula y puntúan favorablemente sus consideraciones sobre las variedades lingüísticas que subyacen en este estudio. En el espacio físico del aula, la variedad del lenguaje hablado en el que cada alumno y maestro ejerce dentro de su propia comunidad social y familiar que tienen sobre las referencias que caracterizan y distinguen por las marcas lingüísticas, siendo uno entre otros, según Calvet 2002, la identidad social del hablante. Los estudiantes tienden a admirar como modelo de lenguaje al maestro que parece tener

<sup>1</sup> Mestranda em Letras na Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul. E-mail: [Wanessarmelo@hotmail.com](mailto:Wanessarmelo@hotmail.com)

<sup>2</sup> Doutor em Letras pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Professor Adjunto da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul. E-mail: [acsantan@uems.br](mailto:acsantan@uems.br)

## I Encontro de Pesquisas em Linguística e Literatura dos Programas de Pós-graduação em Letras da UEMS/CG – *Letras Compartilhadas*

más prestigio y que tiene el estándar más alto, ya que parece que habla de la manera correcta. Por lo tanto, Bortoni-Ricardo (2004) concluye que los maestros desempeñan un papel social riguroso, pero al mismo tiempo de afecto con el alumno. Otra diversidad se encuentra en el contacto con personas de diferentes regiones que termina influyendo y, a veces, creando una nueva forma de hablar o agregando otras palabras al vocabulario de este estudiante. Debido a que no existe un lenguaje homogéneo e incluso los medios pueden influir en el habla y la motivación para estar al tanto de la moda actual. A lo largo de los años, el factor histórico también registra que el aspecto económico es un signo lingüístico, ya que las familias que tienen más acceso al estudio tienden a hablar de manera diferente de una familia rural tradicional, así, en la escuela, los niños de estas familias observan que reflejan espontáneamente lo que han aprendido en casa. Es posible que no esté seguro de la forma correcta de pronunciar o presentar algunas palabras, ya que Calvet (2002) registra que las personas pueden ser juzgadas por la forma de hablar. Otra marca es la edad presentada por los oradores. Es común en el aula tener grupos de estudiantes que buscan una forma peculiar de comunicarse, crear jerga, gestos y expresiones para formar parte y formar parte de ellos. Se espera que este resumen muestre cuán rico es lo que cada individuo aporta en su forma diaria de hablar, no es una cuestión de ser más importante, más prestigioso, Es una cuestión de identidad, de formación para todo lo que se ha vivido y las influencias de las personas que conocieron, los lugares que caminaron y los momentos que compartieron.

**Palabras clave:** lenguaje; diversidad; marcas lingüísticas.

### *1. Introdução*

A sala de aula é um lugar onde muitos pesquisadores têm observado o português como língua materna em suas variantes, desde os primeiros estudos sobre a linguística, ou mais específico a sociolinguística, como Labov (1972b) e Bortoni-Ricardo (2005, 2008) registram que a língua não pode ser estudada de maneira isolada, mas acompanhada com os fatores internos e externos da língua. Assim, o Brasil sendo um país rico na diversidade linguística, a história, a cultura, as influências, o social e outros aspectos refletem na sala de aula essa mistura que torna esse país rico e prestigiado por essas influências.

Tendo observado a sala de aula como um campo exploratória da sociolinguística, ao notar que algumas marcas linguísticas ora eram prestigiosas, ora desmerecidas, surge essa pesquisa para registrar essas marcas e mostrar, de forma notória, que não há uma maneira correta de falar, tão pouco, que exista uma língua melhor do que a outra. Outro objetivo é fragmentar os aspectos discursivos referentes a oralidade regional e dialetal dos alunos, a fala de prestígio, sobretudo exaltar as diversidades que existem na sala de aula, em determinada comunidade social dos falantes envolvidos para enaltecer a identidade de cada um.

Os professores são cobrados para que se obtenha um nível de educação adequado, mas as severas críticas ao ensino estão além do que é a realidade apresentada na sala de aula, especialmente nas aulas de Língua Portuguesa. Assim, espera-se que o ponto de partida dessa pesquisa sirva de motivação aos professores que em algum momento venham observar a classe heterogênea que lida e possam melhorar as suas práticas pedagógicas em virtude das atitudes linguísticas decorrentes no meio social que é a sala de aula.

Essa pesquisa foi iniciada em 2017 em uma escola estadual localizada no município de Costa Rica – MS, localizada ao Norte do estado, nas aulas de Língua Portuguesa, em séries do ensino Fundamental II e ainda está em processo de observação, partindo no decorrer do ano

## **I Encontro de Pesquisas em Linguística e Literatura dos Programas de Pós-graduação em Letras da UEMS/CG – *Letras Compartilhadas***

vigente para uma escola para alunos especiais em Campo Grande – MS, com os mesmos objetivos e tendo em vista que a preocupação do falante é a mesma, independentemente de onde ele esteja envolvido e as práticas pedagógicas continuam sendo importantes, mesmo em clientela diferente, o saber fazer, o encantamento e valorizar a identidade do aluno é algo que vai além da escola normativa.

### **2. *A língua em sua função social***

É notório que a comunicação, em algum momento da vida do ser humano acontecerá, a língua é a parte do saber entre esses falantes que fazem, assim, um diálogo dinâmico de entendimento entre eles, tendo um papel importante no meio social que estejam inseridos, momentaneamente ou não. Até a mídia, em jornais, redes sociais, revistas, etc. têm usado da função social para mostrar ao leitor/expectador seu posicionamento em um determinado assunto. Por isso, a oralidade é parte desse fator social que a língua exerce, como aponta Filho (2016)

Permitir a comunicação entre os indivíduos de uma sociedade, o que já lhe confere um status de universalidade, já que todos os seres pertencentes a um grupo social se comunicam. Conquanto a assertiva, certamente que primamos por considerar mais que isso, nós queremos assegurar que a primazia que faz com que a oralidade guarde em sua natureza a característica de uma função social está no aspecto de conferir ao homem o seu pleno desenvolvimento intelectual, cultural, social e político. E que esses, acima de tudo, permitiram ao homem a melhoria nas relações intersubjetivas.

Labov já definia a função da língua que é de servir como meio de comunicação e também um meio de ter vínculos com outras pessoas, intimidade, por isso ela reflete a cultura de cada indivíduo, assim, a sociolinguística estuda o social e a língua, as relações entre os dois que tem por caráter importantíssimo, que ultrapassam o tempo.

Sapir e Worf (Monteiro, 2008) pensavam que a língua poderia influenciar e até mesmo controlar a visão de mundo que o falante tem, já que o meio social em que ele vive pode limitar as expectativas e não permitir que receba influências externas, como de alguém que passa a conviver com um imigrante e Malmberg (Monteiro, 2008, pág. 18) “nossa visão de mundo é determinada por nossa língua”.

O falante muda quando o fator social dele muda, é evidente quando uma pessoa entre na faculdade e se vê obrigada a se igualar a fala de prestígio dos professores, em seminários, conferências e outros padrões que diferem por exemplo, na fala de um agricultor simples com pouco estudo. Portanto, a língua sofre constante alteração, porque os indivíduos mudam.

#### **2.1 *Regionalismo e dialeto***

## **I Encontro de Pesquisas em Linguística e Literatura dos Programas de Pós-graduação em Letras da UEMS/CG – Letras Compartilhadas**

Como fora pontuado sobre o papel social da língua, a análise passa a ser percebida na sala de aula. Cada aluno trás sua bagagem cultural do que tem aprendido no meio social em que vive, na sala de aula não é diferente, quando uma criança começa a frequentar a escola, logo a sua língua começará a sofrer alterações pelos padrões sociais estabelecidos pela escola, professores e colegas de classe.

Na sala de aula é possível registrar marcas de regionalismo na fala dos docentes e discentes, esse fenômeno que busca ser moderno, por ser consequência de muitas influências que o Brasil recebeu desde a colonização, portugueses, africanos, italianos e outros que apresentaram sua cultura e se misturaram a dos brasileiros, ainda é possível ver muitas expressões, ditas como estrangeirismos, que substituem algumas palavras brasileiras como shampoo, hot dog. entre outras.

Pierre Bourdieu (1989) refere-se ao regionalismo como a identidade de uma região. O que está enraizado na cultura e no processo histórico de uma região mostra a transformação que uma pessoa pode sofrer pelas influências presenciadas ao longo da vida.

O dialeto é uma variação da linguística, ligada mais especificadamente ao jeito de se expressar de uma determinada região, Perez define como “o dialeto é a variedade de uma língua própria de uma região ou território e está relacionado com as variações linguísticas encontradas na fala de determinados grupos sociais”.

Logo pode-se observar quando um aluno é da região do bolsão, a pronúncia do r é bem marcante parecida com o r mineiro, algumas expressões como *banbar, no 12, trem, guri, aquele negócio* e tantas outras, mostram as influências mineiras, goianas e sulistas em Costa Rica.

### **2.2 Atitudes linguísticas**

As atitudes linguísticas são exercidas pelo falante em resultado do meio social em que vive, recebem alterações sociais, históricas, econômicas e religiosas decorrentes às atitudes vivenciadas.

Os psicólogos pioneiros Lambert e Lambert (1972, p.78) em retratar as atitudes linguísticas definidas como “a maneira organizada e coerente de pensar, sentir e reagir em relação a pessoas, grupos, questões sociais ou, mais genericamente, a qualquer acontecimento em nosso meio circulante”.

Então, o indivíduo tem suas ações linguísticas em detrimento ao meio em que está, a fala seria a concretização do que tem absorvido em questões emocionais e ao que ele pensa e os psicólogos sociais seguem afirmando que “os pensamentos,/crenças, sentimentos/emoções, e as tendências para agir” para elementos que constroem a identidade do falante, como pontua favoravelmente Calvet (2002).

Segundo IBIAPINA (apud Lopes, 2000, p. 4)

## I Encontro de Pesquisas em Linguística e Literatura dos Programas de Pós-graduação em Letras da UEMS/CG – *Letras Compartilhadas*

destaca que as variações podem estar relacionadas às classes sociais, ao espaço físico que o falante ocupa, ao grupo profissional a que pertence, ao seu sexo, à modalidade de linguagem que utiliza para se comunicar e à situação da interação a que está exposto e que estas variações podem ser observadas em uma mesma comunidade.

Fica evidente que a língua mostra quem somos, assim as atitudes linguísticas demonstram o que aprendemos, pelo fato de a língua ser variável, logo a maneira de expressar-se ficará evidenciada, pelo sotaque, gírias, expressões, gestos e outras coisas que com o passar do tempo pode-se ser agregada a cada um.

### 3. *A sala de aula*

Quem nunca teve um professor (a) modelo, um exemplo de conduta, postura, padrão tipicamente correto e pensou... quando eu crescer, quero ser igual a ele! Quando a criança deixa seu lar para se aventurar na escola, o professor é a primeira imagem típica de ética e comportamento que a criança observa e admira. Assim, a maneira como o professor age e fala passa a influenciar na visão social da criança.

Bortoni-Ricardo (2004) comenta que a criança possui três campos para a socialização: a família, os amigos e a escola, por isso ela cita o papel rigoroso que o professor exerce e que o mesmo deve ter todo cuidado de como corrigir o aluno sem causar-lhe constrangimento. A afetividade também está presente, pois para que este seja um exemplo, o aluno precisa encontrar nele, a forma padrão de prestígio, sobretudo, se este docente lecionar Língua Portuguesa.

Sobre a sala de aula

[...] é interessante estimular nas aulas de língua materna um conhecimento cada vez maior e melhor das variedades sociolingüísticas para que o espaço de sala de aula deixe de ser o local para estudo exclusivo das variedades de maior prestígio social e se transforme num laboratório vivo de pesquisa do idioma em sua multiplicidade de formas e usos (BAGNO, 2002, p. 134).

O professor não pode desmerecer que existem atitudes linguísticas em sua aula, assim trabalhar com materiais dinâmicos, tirinhas, charges decorrentes das várias maneiras de falar dos alunos, trazem uma reflexão sobre o papel da língua como bem cultural a ser respeitado.

Na visão de Bortoni-Ricardo (2004, p. 25)

Na sala de aula, como em qualquer domínio social, encontramos grande variação no uso da língua, mesmo na linguagem da professora que, por exercer um papel social de ascendência sobre seus alunos, está submetida a regras mais rigorosas no seu comportamento verbal e não verbal.

## I Encontro de Pesquisas em Linguística e Literatura dos Programas de Pós-graduação em Letras da UEMS/CG – *Letras Compartilhadas*

Por isso é tão inesperado alguém que estude para ensinar a norma padrão gramatical não esteja debaixo dessas regras que formam o falar prestigioso do professor.

E continua a citar:

A escola não pode ignorar as diferenças sociolinguísticas. Os professores e por meio deles, os alunos têm que estar bem conscientes de que existem duas ou mais maneiras de dizer a mesma coisa. E mais, que essas formas alternativas servem a propósitos comunicativos distintos e são recebidas de maneira diferenciada pela sociedade” (BORTONI-RICARDO, 2005, p. 15).

Um fator linguístico muito presente na região de Costa Rica, presente até no linguajar dos professores, é o falar caipira, logo que um aluno começa a se comunicar pode-se perceber se ele vem de uma família da roça ou caipira, como a maioria se denomina. Quando esse filho chega na escola, é comum falar “nós vai”, por ser uma vertente no vocabular familiar.

Isso fica mais evidente se a criança vier de outro estado. O sotaque e algumas expressões podem gerar desconforto para quem fala e para quem ouve. Mas o que muito foi presenciado nessa pesquisa, é que com essas influências, as culturas acabam se misturando e logo se ganha uma nova maneira de falar, crianças são especialistas nisso, a criatividade é um passaporte para grande interação se o professor saber contornar sem deixar o preconceito linguístico se destacar.

Os fatores históricos e sociais também estão presentes na sala de aula, quando a criança vem de uma família tradicionalmente de poder aquisitivo superior ou está sendo criada por pais que possuem na comunicação um vocabulário mais sofisticado, expressões tão ocorrentes como a citada “nós vai” não será permitido.

Uma característica linguística marcante é o fator geracional, logo a fala da mãe será diferente do falar do filho e também, não distante, do falar do professor. Dificilmente a mãe irá usar as gírias que seus filhos adolescentes usam, ou usará as expressões que estes aprendem na internet em programas ou sites voltados para o público juvenil.

Vale ressaltar que “A língua não é usada de modo homogêneo por todos os seus usuários. Dependendo da situação, a mesma pessoa pode usar diferentes variedades de uma só forma da língua”. (SABADIN, 2013, p. 52)

Em continuidade, outro registro encontrado na sala de aula é a faixa etária dos alunos, definida por Chambers e Trudgil (1980, p. 92-93)

a variação estável se caracterizaria por um padrão curvilíneo, no qual as faixas intermediárias apresentariam a maior frequência de uso das formas de prestígio, porém a tendência aferida pelos resultados da faixa etária deve ser confirmada pelos resultados das outras variáveis sociais.

## I Encontro de Pesquisas em Linguística e Literatura dos Programas de Pós-graduação em Letras da UEMS/CG – *Letras Compartilhadas*

Frequentemente é possível notar que alguns alunos criam códigos, gírias, expressões, gestos para se firmarem ao grupo que pertencem, para se sentirem integrantes e aceitos, principalmente adolescentes, quem exemplifica isso é Bortoni-Ricardo (2004, p. 22) “estão reforçando os papéis sociais próprios de cada indivíduo”.

Como relatado, muitas são as atitudes linguísticas dentro da sala de aula, e talvez a que tenha chamado mais atenção nessa pesquisa, foi ouvir de um aluno que ele não sofria bullying na escola, ele sofria preconceito linguístico. Calvet (2002) já dizia que a pessoa seria julgada pela maneira de falar, no caso desse aluno, é porque o sotaque dele é de outra região, nada semelhante ao falado em Costa Rica. Essa é uma boa oportunidade para o professor atento mostrar a riqueza da linguagem local e exaltar o regionalismo desse menino para que os colegas ao invés de darem risada, possam conhecer a raiz da cultura dele para que se sinta acolhido.

### **3. Considerações Finais**

O importante nessa pesquisa é fazer com que o professor use das atitudes linguísticas para enriquecer a sua aula, sem menosprezar a bagagem que o aluno traz de casa, pois isso revela a identidade dele, como pessoa, como influente, como parte do social. Essa identidade é o que faz dele ser único, registra os seus antepassados, suas viagens, seu lar, os amigos, as pessoas que conheceu, os momentos que viveu.

Por não existir um certo ou errado, um prestígio ou desmerecido, o importante é a comunicação sem fronteiras, saber que está inserido em um país riquíssimo em que um mesmo objeto, pode receber vários nomes, dependendo da região em que está, é isso que torna esse país grande, a diversidade linguística que cria um povo alegre e acolhedor.

### **Referências:**

Artigo Científico: FILHO, Antônio Porfírio, texto enviado no dia 24 de maio de 2011 e atualizado no dia 26 de junho de 2016 para o site: Disponível em <[https://www.jurisway.org.br/v2/dhall.asp?id\\_dh=5932](https://www.jurisway.org.br/v2/dhall.asp?id_dh=5932)>. Acessado em 14 de outubro de 2019, às 14h14

BAGNO, Marcos; STUBBS, Michael; GAGNÉ, Gilles. *Língua materna: letramento, variação e ensino*. São Paulo: Parábola, 2002.

BORTONI-RICARDO, Stella Maris. *Educação em Língua Materna: a Sociolinguística em sala de aula*. São Paulo: Parábola, 2004.

## I Encontro de Pesquisas em Linguística e Literatura dos Programas de Pós-graduação em Letras da UEMS/CG – *Letras Compartilhadas*

- BORTONI-RICARDO, Stella Maris. *Nós cbeguemos na escola, e agora?* Sociolinguística & Educação. São Paulo: Parábola Editorial, 2005.
- BOURDIEU, Pierre. *O poder simbólico*. Lisboa, Difel/Rio de Janeiro, Bertrand Brasil, 1989.
- CALVET, L. *Sociolinguística - uma introdução crítica*. São Paulo: Parábola, 2002.
- CHAMBERS, Jack e TRUDGILL, Peter. *Dialectology*. Cambridge, 1980.
- IBIAPINA, Darkyana Francisca. "Variação linguística em sala de aula de língua portuguesa: uma abordagem etnográfica". Disponível em: [http://www.ileel.ufu.br/anaisdosielp/wp-content/uploads/2014/06/volume\\_2\\_artigo\\_089.pdf](http://www.ileel.ufu.br/anaisdosielp/wp-content/uploads/2014/06/volume_2_artigo_089.pdf). Acesso em 14 de outubro de 2019.
- LABOV, W. *Language in the Inner City*. Philadelphia: University of Pennsylvania Press. 1972b.
- LAMBERT, Willian W; LAMBERT, Wallace E. *Psicologia Social*. Trad. Álvaro Cabral. 3 ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1972.
- MONTEIRO, J. L. *Para compreender Labov*. 3 ed. - Petrópolis-RJ: Vozes, 2008.
- PEREZ, Luana Castro Alves. "Diferenças entre língua, idioma e dialeto"; Brasil Escola. Disponível em: <https://brasilecola.uol.com.br/gramatica/diferencas-entre-lingua-idioma-dialeto.htm>. Acesso em 15 de outubro de 2019.
- SABADIN, Marlene Neri. *Crenças e altitudes linguísticas: aspectos da realidade na tríplice fronteira / Marlene Neri Sabadin*. – 2013.